



GINZBURG, Jaime. **O Ensino de Literatura como Fantasmagoria**. Revista Anpoll. Florianópolis, SC, V.1, Nº 33, 2012.

UMA REFLEXÃO DE GINZBURG SOBRE O ENSINO DE LITERATURA

Ana Beatriz Mamede Franco de Araujo¹

Universidade Federal de Alfenas

(anabmamede.abm@gmail.com)

Apoio SESU/MEC - Programa de Educação Tutorial

O escritor do artigo *O Ensino de Literatura como fantasmagoria*, Jaime Ginzburg, é professor associado da Universidade de São Paulo, atua na área de Literatura Brasileira de 1930, Literatura Comparada, Teoria Literária, Cinema e Educação.

O artigo reflete sobre o ensino de literatura na educação básica e em cursos de Letras. Ginzburg inicia o artigo fazendo com que o leitor reflita acerca da heterogeneidade da educação, para ele, os estudantes deveriam ingressar na Universidade aptos para realizar uma reflexão crítica, para a leitura de certa variedade de gêneros, e realizar diversas tarefas, tais como: paráfrase, análises, interpretações, entre outras. Entretanto, é possível constatar que isso não ocorre de fato.

O autor salienta que esse fator decorre desde os exames de ingresso na Universidade, pois pensando no curso de Letras, há uma seleção em massa, o que acarreta em mais estudantes sabendo apenas nomes de obras literárias, autores, períodos e gêneros literários, o que prejudica – e muito – o ensino de literatura.

Tal problema ecoa desde o ensino médio e cursinhos preparatórios para o vestibular, afinal os professores ensinam literatura, tal qual uma receita de bolo, para que os alunos sejam condicionados a passar no vestibular. Em função disto, o ensino de literatura é visto como uma alavanca para ingressar em uma Universidade.

“[...] a imagem do conhecimento de literatura predominante em muitas questões, em provas em diversas universidades brasileiras, ano após ano, está associada a um campo limitado de exercício do conhecimento: nomes de autores associados a nomes de obras, períodos literários, gêneros literários, características consagradas, de modo geral em perspectiva canônica e reproduzindo modelos de leitura estabelecidos há mais de três décadas pela historiografia literária. Bem menos constantes são as ocasiões em que os vestibulares podem se aproximar de pesquisa constituída pela produção acadêmica atualizada.” (GINZBURG, 2012. p.4)

Ginzburg compreende a dificuldade enfrentada em sala de aula ao discorrer sobre o conhecimento básico necessário nas aulas de Literatura, afinal o

¹Graduanda em Letras e Literaturas da Língua Inglesa pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Possui graduação em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), atua como bolsista do grupo PET Conexões de Saberes – Letras.



professor não deve simplesmente ignorar os conteúdos fundamentais de acordo com a série trabalhada, entretanto vê-se a necessidade também da formação de alunos críticos, que possam compreender e discutir diversos conteúdos literários, para isso vê-se a necessidade de se denunciar “usos e abusos da Literatura na escola” e o “ensino pela Literatura”, como discute LAJOLO (1979).

É válido ressaltar quem acaba ganhando com esse círculo vicioso: o mercado editorial. Visando que o aluno substitua a leitura de livro por resumos, fichas catalográficas, pensando apenas na utilidade momentânea.

Entretanto, como o autor apresenta, tais resumos e fichas, acabam não apresentando a polissemia dos textos literários, mas sim uma única interpretação, ênfase e linha de pensamento. Não se ensina a debater opiniões, críticas e interpretações. Querem apenas amarrar o aluno (e leitor) na monossemia literária.

Há de se considerar, portanto, o paradoxo que existe em formar alunos de Letras que estejam capacitados para formar alunos com concepções abertas de pensamento, prontos para o diálogo, debates, análises, diversas interpretações, mas que ainda foram formados do modo que como já visto, é falho.

Dessa forma, é possível se esperar, que o aluno do curso de Letras ingresse na Universidade dando continuidade ao ensino médio, ou seja, pensando em fazer mais em menos tempo. O discente pode se questionar: “Por que ler determinada obra, se posso ler fichas e resumos?” Isso reflete no imediatismo, considerando que muitos alunos podem não julgar necessária a leitura de determinado livro, e podem optar por desprezar a Literatura, recorrendo a resumos e fichas de leitura.

Compreende-se, portanto, a necessidade de se preencher uma lacuna. Afinal, um professor de Literatura, que prosseguiu o mesmo caminho do Ensino Médio na Graduação, tratando-se da utilização de fichas de leituras e resumos não adquire gosto e conhecimento crítico, dessa forma, ele não está qualificado para transformar seu aluno em um leitor crítico, pois ele também não possui tal conhecimento.

Se o gosto se aprende, pode ser ensinado. A aprendizagem comporta uma face não espontânea e pressupõe intervenção intencional e construtiva. Assim, o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos/leitores. [...] seu principal papel é o de articular princípios e práticas. E isso significa que tudo que vem sendo e vai ser dito sobre a leitura da literatura precisa fazer parte da vida do professor. [...] A formação e a transformação do gosto não se dão num passe de mágica. Com a escola – em que pesem as restrições de sua incompetência competente – concorrem todos os outros estímulos e desestímulos com os quais convivem professores e alunos nas horas restantes do dia. [...] Cabe ao professor romper com o estabelecido, propor a busca e apontar o avanço. (MAGNANI, 1992. p.104)

Seguindo este raciocínio, o leitor faz uma reflexão sobre as famosas “pastas de xerox” das Universidades, que muitas vezes acabam substituindo as bibliotecas. Os professores já selecionam o conteúdo necessário, e os alunos não precisam selecionar material, buscar ler uma obra completa, consultar os demais capítulos de determinado livro. Tais aspectos fazem que alunos substituam bibliotecas, livros, por capítulos.



Outra adversidade nesse aspecto, apresentada pelo autor, é a proliferação de sites, que acabam contrariando o ensino de literatura, além de sites com resumos prontos, trabalhos copiados, comprados, utilizados por muitos estudantes, que acabam conseguindo atingir seus objetivos, por uma base vazia.

O autor menciona também Simon Schwartzman, dizendo que a área de Letras fora criada como “atividade para a pesquisa *desinteressada* ou para o magistério secundário ou superior.” Destaco o termo “*desinteressada*” para contrastar com outras áreas consideradas de grande relevância, tais como Medicina, Direito, Engenharias, entre outras.

Ginzburg utiliza também da crítica saudosista de Alfredo Bosi, referindo-se sobre uma educação brasileira voltada às humanidades. Para que isso seja possível novamente – se é que algum dia fora – , seria necessária a exclusão da literatura como função instrumental, visando apenas a aprovação num exame, como o vestibular; a valorização da interpretação de textos; a necessidade de um diálogo entre professores e alunos, pensando num debate para total entendimento literário; a eliminação de trabalhos copiados da internet; a valorização da polissemia literária, entre outros modelos pedagógicos que possam ser adotados.

Percebe-se, portanto a urgência no aprimoramento do ensino em Literatura, tanto no ensino médio, quanto na graduação, para que dessa forma, os alunos ao chegarem na graduação estejam mais aptos à leitura, e esses ao se formarem, consigam trabalhar de maneira mais adequada com seus alunos, formando dessa forma, leitores mais críticos e melhores cidadãos.

O artigo *O Ensino de Literatura como fantasmagoria*, é fundamental para estudantes do curso de Letras e professores de Literatura, para que por meio dessa leitura, possam transformar o ensino de Literatura. O texto tem uma linguagem fácil e simples, além de ser uma leitura fluída e rápida. Ao compreender o trabalho de Ginzburg, é possível que alunos pensem acerca do ensino de Literatura, tanto na graduação, quanto na educação básica, e possam ponderar sobre a representação – fantasmagoria – da Literatura nos estudantes, muitas vezes causada pelos próprios professores, e assim, possam refletir sobre o tipo de profissional que almejam ser ao ensinar Literatura para seus alunos. O artigo encontra-se disponível na internet, tendo fácil acesso, e sendo capaz de mudar visões e transformar grandes leitores e professores de Literatura.



Referências

GINZBURG, Jaime. O ensino de literatura como fantasmagoria. Revista Anpoll. Florianópolis, SC, V.1, Nº 33, 2012.

LAJOLO, M. Usos e abusos da literatura na escola (Bilac e a literatura escolar na República Velha). São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese (Doutorado), 1979.

MAGNANI, M. R. M. Leitura e formação do gosto (por uma pedagogia do desafio do desejo). Idéias (FDE/SEE/SP), n. 13, p. 101-106, 1992.

Recebido em:16/07/2020

Aceito em: 06/08/2020